



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2020

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A ROMANCE/NOVEL

PERGUNTA 1

- 1.1 O narrador é um indivíduo da vila que é intitulado tradutor, designado para acompanhar Massimo Risi. Tem um papel fundamental porque não traduz uma língua, apresenta uma visão do universo moçambicano no âmbito social, económico e cultural, eivado de hibridismo. Ele traduz os mundos – e não só um mundo ou universo – em que as personagens vivem, a sua realidade cultural que pode diferir de uma para a outra. O tradutor recria esses mundos fazendo o leitor passar para esse outro lugar, esse outro espaço desconhecido. O narrador é aculturado, estudou na cidade mas não se libertou das suas raízes; é conhecedor de dois mundos, «mediador entre a cidade e o campo, entre os mais velhos e os mais novos, entre o passado e o presente, entre os mortos e os vivos, entre o autor e o leitor. (Ana Mafalda Leite)» É um tradutor de culturas.

[<<http://repositorium.sdum.uminho.pt>>]

- 1.2 1.2.1 O italiano é Massimo Risi, o representante da ONU enviado para decifrar o caso das explosões dos soldados da missão de paz, que em Tizangara passa por um processo de aprendizagem que o leva a compreender o que é a identidade nacional, notando a diferença entre os mundos.
- 1.2.2 Risi é um europeu, um indivíduo de mentalidade ocidental. Depara-se, porém, com uma cultura diferente, uma cultura que é a realidade da vila, e com acontecimentos que pertencem ao domínio do fantástico. Tendo como companheiro o narrador, um homem híbrido por 'ter um pé' nas duas culturas, a ocidental (a das cidades), e a tradicional (a africana, a do campo), Risi vai-se integrando, pouco a pouco, no ambiente, levando-o essa integração ao conhecimento e compreensão do que se passa na vila no âmbito cultural, social e económico. Como ocidental, é-lhe difícil aceitar certos acontecimentos e histórias, mas a realidade leva-o a compreender o que se passa. De um lado temos a cultura e mentalidade ocidentais, do outro a cultura africana e um espaço mágico – o confronto entre as duas mentalidades e culturas incendeia o conflito no íntimo de Risi.
- 1.3 No final d' *O Último Voo do Flamingo*, Moçambique desaparece [engolido por um enorme buraco negro], é uma nação comida pela terra e lançada no abismo pelos antepassados que não viam solução para os seus males [políticos, sociais, económicos, principalmente a corrupção no período pós-guerra]. A única opção do país era recomeçar, voltar ao passado e às origens e procurar as crenças ancestrais [para se estruturar a identidade nacional]. (Configurações Textuais)

- 1.4 Estas aves pertencem ao imaginário da mãe [do narrador] que, no final da tarde, assistia ao voo destes pássaros, como se fosse um momento sagrado. O narrador recorda esses instantes, e também uma canção inventada e cantada diariamente pela progenitora para que os flamingos voltassem no dia seguinte e a noite continuasse a aparecer a seguir ao dia. A simbologia inerente aos flamingos é fundamental em toda a obra e assume particular realce no final. Eles incorporam um mito da origem da noite, explicado pela mãe do tradutor ao filho. Esta revivificação mítica é uma parte essencial na estruturação da identidade nacional individual e colectiva [...]. O mito dos flamingos incorpora, assim, o passado e a memória colectiva do povo como forma de construção da nação. A lenda tinha acontecido num lugar onde não existia noite e era sempre dia, até ao momento em que o flamingo resolve fazer o seu último voo para fora daquele mundo. Ele queria dirigir-se às estrelas: «*Queria ir onde não há sombra, nem mapa. Lá onde tudo é luz. Mas nunca chega a ser dia.*» Quando alcançou os céus, parecia a própria luz a voar e conseguiu espalhar as suas cores no horizonte. Transformou o azul em rosa, roxo e lilás: «*Nascia, assim, o primeiro poente.*» Foi, deste modo, o flamingo o responsável pelo aparecimento da noite e, segundo o mito é este pássaro que voa ao final do dia para empurrar o Sol para outras paragens. O flamingo simboliza um novo começo, um novo dia, [o seu regresso simboliza a reconstrução de Moçambique].

[<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/> (supressões)>]

- 1.5 A resposta a esta pergunta incorpora parte das respostas a 1.2.1 e 1.4. Risi, que se aculturara como o narrador-tradutor, mas na direcção cidade → ruralidade, racionalidade → fantástico (realismo mágico), assume a mentalidade tradicional. O pássaro de papel que fizera com a folha do relatório para a ONU manifesta a crença de que o flamingo voltará e com ele trará o dia, isto é, um novo começo para Moçambique.
- 1.6 «Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo.» O mito do flamingo metaforizado na canção da mãe dá a conhecer que o flamingo voltará e com ele trará o dia, o reaparecimento, i.e., a reconstrução de um Moçambique verdadeiro com a sua própria identidade nacional.

- 1.7 O confronto entre a cultura tradicional africana e a cultura ocidental. De facto, o poder dos antepassados, a vida dos mortos e a força da Natureza, ou seja, o lado onírico do mundo, opõem-se aos valores europeus. No entanto, a construção da identidade nacional moçambicana assenta na miscigenação cultural e não no confronto. [...] Quando ocorre uma revolução, a independência é alcançada e a guerra termina, o povo só pode esperar por um destino melhor e, se isso não se verifica, a frustração domina. Ora, em Moçambique, a corrupção, os jogos de poder, a inexistência de valores e o culto das aparências são um facto; uns "engordam" em função dos outros. Na obra *O Último Voo do Flamingo* criam-se diversos casos e personagens-tipo que reflectem essa realidade. Uma delas é o administrador Estêvão Jonas que, nas missivas enviadas ao tradutor, reflecte o pensamento das classes dirigentes, que a tudo submetem as populações inocentes, com o intuito de não perderem as contribuições estrangeiras.

[<<http://repositorium.sdum.uminho.pt>>]

Pontos importantes a mencionar – depois da independência o povo não vive melhor.

Corrupção; jogos de poder; a inexistência de valores; o culto das aparências; exploração do povo; enriquece uma elite reduzida; opressão; construção da identidade nacional.

- 1.8 De acordo com o Dicionário de Símbolos (www.dicionariodesimbolos.com), «o Sol simboliza a luz, o amor, a paixão, a vitalidade, o conhecimento, a juventude, o fogo, o poder, a realeza, a força, a perfeição, o nascimento, a morte, a ressurreição, a imortalidade. Símbolo complexo, o Sol é um elemento presente em muitas crenças, rituais e costumes desde a antiguidade, representando a força vital e o poder cósmico; e, por isso, esse símbolo está presente em muitos mitos da criação do mundo. » No contexto do romance, simboliza a ressurreição de Moçambique, a sua reconstrução isenta de influências estrangeiras.

OU

PERGUNTA 2

Parte da resposta encontra-se nas informações das perguntas anteriores por isso não se repetirá o que já foi informado.

Espaço – Tizangara, uma vila norte de Moçambique

Tempo – depois da guerra civil

O autor pretende consciencializar o leitor quanto à necessidade da criação de um país livre de influências externas, reconstruído por moçambicanos para moçambicanos, prevalecendo uma identidade cultural e nacional associada às tradições, que não podem ser rejeitadas nem esquecidas como fizeram os colonialistas. Para se conseguir, é preciso acabar com a corrupção.

Espera-se uma resposta mais desenvolvida.

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO/DRAMA

PERGUNTA 3

- 3.1 As escadas em frente à porta da igreja em que o Mendigo pede esmola, e a casa do Mendigo em que vive com a sua companheira.
- 3.2 O espaço físico transforma-se em espaço social na medida em que entravam na igreja as mais variadas pessoas, na maioria de classe social elevada. Vão à igreja levadas ou por um sentimento de culpa por terem praticado algo incorreto que, de acordo com a religião cristã se pode considerar pecado, ou a pedir que tudo corresse bem no emprego, na promoção, na carreira. As pessoas não iam à igreja por crença cristã, mas por interesse, com segundas intenções. Dão esmola porque esperam o perdão de Deus e querem garantir a sorte, o bem estar. Ao darem esmola, as pessoas creem que estão a obter o perdão de Deus e, conseqüentemente, imaginam que terão um novo começo na vida, ou seja, que, a partir daquele momento, iniciarão uma vida limpa, e assim julgam que serão felizes. Ali, à porta da igreja, o Mendigo observa e caracteriza a sociedade brasileira. É um homem desiludido com a sociedade na qual apenas vê interesse próprio e desprezo pelos desfavorecidos. Não vê na esmola algo genuíno, a doação do fundo do coração. O espaço da esmola concorre para a crítica social e económica, para a compreensão da disparidade social.
- 3.3 Os candidatos terão de explicar que o Mendigo era engenheiro, que trabalhava no plano de uma máquina, que estes planos lhe foram roubados pelo seu patrão que se serviu da simplicidade de Maria, a mulher do Mendigo, para os obter. Ao tentar recuperá-los, foi preso e acusado de ladrão. Foi a injustiça social e da justiça que o transformaram num pedinte a fim de cobrar o que a sociedade lhe devia.
- 3.4 O Mendigo demonstra ser fatalista, *«compreendi que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis ... como a chuva, o vento, a tempestade ... o dia e a noite ... Tudo o que acontece é a vida. O senhor pode evitar que chova?»*. Critica o sistema político vigente, a opressão e a exploração e o papel da igreja como cúmplice desse sistema político que contribui para intensificar a insatisfação do povo; para o Mendigo, não se pode evitar esta situação. Pensa de maneira prática, muito racional; não se deixa levar pelas emoções porque estas conduzirão ao sofrimento. Não crê em Deus, ideia marxista que permeia a obra. É materialista e critica a desigualdade social. Esta pergunta poderá ser mais desenvolvida e aludir à conversa entre o Mendigo e o Outro quando este aparece pela primeira vez.
- 3.5 É uma personagem dinâmica, não representa qualquer tipo social. É uma personagem associal. Nada nela se altera ao longo da ação, porém a sua maneira de pensar classifica-o como personagem dinâmica. A única mudança digna de nota é saber-se que tem duas vidas, duas personalidades e duas maneiras de viver, o que de facto o distancia das personagens estáticas.

- 3.6 A crítica à sociedade brasileira, à corrupção, à falta de moralidade, à desigualdade social permite-nos pensar e avaliar o alcance da peça de teatro que, distanciando-se dos autos e farsas vicentinas ou de cariz brasileiro, não deixa de ter uma função educativa, isto é, se a sociedade de facto aprende alguma coisa ao assistir à representação da peça.
- 3.7 Resposta livre. Será considerada desde que seja válida e consistente.

OU

PERGUNTA 4

A considerar: a injustiça social, a desigualdade social, a disparidade económica, o desprezo pelos inferiores e pelos que pertencem às classes mais baixas, a corrupção. Espera-se um ensaio à altura do que se pede na resposta.

SECÇÃO C **CONTO/SHORT STORY**

PERGUNTA 5

- 5.1 A ação passa-se em Galafura, vila na montanha da região de Peso da Régua, no norte de Portugal, isolada, local de onde, do alto, se vê o rio Varosa a correr na terra plana, «debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo». A frase «Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo» ilustra a altitude a que se encontra, no topo da montanha. Situa-se bem alto, e duas horas de subida penosa é a distância que a separa da terra plana. A subida faz-se por um carreiro que a subida e descida dos seus habitantes cavou e poliu na rocha. Confunde-se com as próprias pedras da montanha escurecidas pelo tempo, «um talefe encardido pelo tempo». A distância que a separa da planície sugere a ideia de 'pureza', longe do contacto com outras realidades. Encravada na montanha, rodeada de rochedos, deixa uma sensação de aspereza e dureza a quem a vê da planície e a quem a visita. A vila é simples e antiga, formada por uma única rua, duas outras mais pequenas menos importantes, destacando-se apenas a igreja, a fonte onde os habitantes vão buscar água, o largo no centro do qual se vê 'o cruzeiro' representando a antiguidade da vila: «Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha.»
- 5.2 Maria Lionça é a lealdade, a fidelidade, a coragem personificadas, que enfrenta a maior das dificuldades. Dela difunde-se um halo de pureza e de virtudes representativas do próprio espaço que a rodeia. De sentimentos firmes e constantes, honesta, de moral superior, resignada, suportou a ausência do marido anos a fio, trabalhando para sustentar casa e filho. Revela uma grandeza do espírito e uma coragem sobre-humana. O marido e o filho revelam-se cobardes para enfrentar a vida na montanha, ambos fogem. Mas, longe, devido aos vícios, a doença mina-os e morrem. Maria Lionça, sempre imbuída de respeito, de dignidade, de capacidade de perdoar, recebe o marido e cuida dele até à morte, sem o acusar de abandono. Mais tarde, já idosa, sofredora mas sempre digna, foi capaz de ir buscar o filho morto à cidade para o levar à terra que o vira nascer, capaz também de, firmemente, iludir a sua morte para que não a impedissem de levar o frágil corpo. Mulher forte, lutadora, repleta de força moral, de coragem, apresenta e representa a dureza da própria paisagem: firme, solitária.

- 5.3 Considera-se a conduta de Maria Lionça resultante da influência que o ambiente de montanha e as representações simbólicas daquela comunidade exerciam sobre ela. A paisagem de montanha constituía Maria Lionça, e a paisagem, por sua vez, também era marcada pela personagem. Ela era dona de uma firmeza, uma constância, uma estabilidade semelhantes às rochas do talefe. Como mulher da montanha, ela mantinha-se resignada na sua sina de viver longe do marido que emigrou, porque esta era a realidade de muitas das raparigas do povoado. Há uma simbiose, uma estreita ligação (um apelo telúrico), entre Maria Lionça e o meio que a rodeia: a pureza, dureza, firmeza e constância das rochas que a rodeiam que assim se mantinham desde os primórdios dos tempo conduzem à afirmação de identidade de Maria Lionça. Qualquer paisagem significa sempre algo, pode ter múltiplas significações mas, no caso do conto de Miguel Torga, representa a própria Maria Lionça, ou por outra, esta é a encarnação da própria paisagem. As paisagens evidenciam os traços dos seres humanos e estes delas. Nas frases «Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha.», 'montanha' é isolada numa frase sem sujeito ou verbo, desta forma destacando-a como espaço essencial que se liga intimamente à personalidade de Maria Lionça. «O berço digno de Maria Lionça.»
- 5.4 5.4.1 Explicado na resposta à pergunta 5.2.
- 5.4.2 Explicado nas respostas às perguntas anteriores.
- 5.5 O clímax da vida de Maria Lionça liga-se ao filho. Não aceita a possibilidade do filho ser enterrado longe da terra que o viu nascer, por isso o traz, corajosa e abnegada, à montanha, ao colo, já morto, enfrentando mais uma vez o destino que a marcara para o sofrimento.

OU

PERGUNTA 6

A resposta encontr-se dispersa pelas respostas à Pergunta 5.

SECÇÃO D POESIA/POETRY

PERGUNTA 7

- 7.1 Dirige-se a Dinamene, a sua amada, que morreu jovem num naufrágio.
- 7.2 É um soneto petrarquista constituído por 14 versos decassilábicos que se agrupam em 2 quadras e dois tercetos.
- 7.3 Dor, tristeza e saudade da amada devido à sua morte precoce. O eu poético não consegue esquecer-se da felicidade perdida, a ponto de desejar a morte.
- 7.4 Se/lá/no a/ ssen/to e/ te/reo on/de/su/bis ---
- 7.5 Voto de que a amada esteja em descanso após a morte. «Repousa lá no Céu eternamente»

Crença de que a amada se encontra no espaço etéreo para além da morte e a possibilidade de se poder lembrar da vida terrena. «Se lá no assento etéreo, onde subiste,/Memória desta vida se consente» e crença de que o amor pode prosseguir para além da morte, «Que tão cedo de cá me leve a ver-te»

Pedido de que ela não se esqueça do amor que o eu lhe dedicou. «Não te esqueças daquele amor ardente/Que já nos olhos meus tão puro viste.»

Motivo do pedido – não pode viver sem a amada; suplica-lhe que interceda por ele, que peça a Deus que o leve depressa para junto dela. «Roga a Deus que teus anos encurtou,/Que tão cedo de cá me leve a ver-te,/Quão cedo de meus olhos te levou.

- 7.6 E viva eu cá na terra sempre triste. – verso 4
- Que tão cedo de cá me leve a ver-te, – verso 13
- Quão cedo de meus olhos te levou. – verso 14
- Os versos 13 e 14 dão a conhecer a morte prematura da amada do sujeito da enunciação, perda que o sujeito sente intensamente e lhe provoca a dor e a tristeza – verso 4.
- 7.7 Partiste, subiste, viste, ficou, encurtou, levou, repousa – o indicativo indica o facto real, o acontecimento que levou à morte da amada, que não se encontra no mundo terreno.

Viva, esqueças, me leve – o conjuntivo expressa a crença e o desejo do eu poético. A crença de que a amada repousa no além e de que poderá recordar (terá a possibilidade de ...) o grande amor que ele lhe dedica para além da morte, bem como o desejo de se reunir a ela para que um amor platónico possa ser 'vivenciado'.

- 7.8 ... que te partiste/Tão cedo desta vida ... – morreste
- Se lá no assento etéreo, onde subiste – céu, espaço efémero para além da morte
- 7.9 Abba, abba, cdc, ede

OU

PERGUNTA 8

Espera-se um ensaio adequado ao nível de FAL e que revele conhecimento do poema.

Total marks: 70